

SAMANTA SCHWEBLIN



O BOM MAL

ÍNDICE

9

Bem-vinda à comunidade

—

26

Um animal fabuloso

—

38

William à janela

—

55

O olho na garganta

—

90

A mulher de Atlântida

—

127

O Superior faz uma visita

—

154

Sobre os contos

—

155

Agradecimentos

—

O estranho é sempre o mais certo.

Cartas, SILVINA OCAMPO

BEM-VINDA À COMUNIDADE

Salto para a água do final do pontão e afundo-me apertando o nariz. Depois do impacto inicial, abro os olhos, entrego-me, atenta, à queda que se vai suavizando, aos novos tons ao meu redor, mais densos e iridescentes. A descer, aguento sem respirar.

Talvez passe um minuto. Acabo por tocar no fundo lodoso com os pés, devagar, como uma astronauta a aterrar na Lua. Solto o nariz e baixo os braços, o corpo contrai-se. Sinto uma contração subir desde os pulmões, um espasmo, espero um pouco mais. Tateio as pedras que trago atadas à cintura, o nó pode sempre desfazer-se. Para evitar arrepender-me, inspiro. Encho os pulmões de água e um frio novo e duro cola-se-me às costelas. Quero que isto aconteça sem dor. Uma dezena de bolhas sai-me pela boca e pelo nariz e eleva-se. Outro espasmo provoca-me câibras e tenho medo do que possa acontecer agora. Solto o ar que me resta. Surpreende-me a sensação líquida onde antes havia ar, mas sobretudo surpreende-me a lucidez, a serenidade. Olho para as mãos, maiores e mais brancas do que à superfície, e pergunto-me quanto tempo tardarei a perder a consciência. Algas, cardumes de olhos prateados, plâncton flutuando como brilhantina. Sinto o corpo solto, o contacto com as correntes cálidas, frescas,

cálidas outra vez. Ao longe, o fundo fica turvo. Quanto tempo terá passado? Três minutos, cinco, é algo que já não sei calcular. Estava convencida de que tudo aconteceria depressa.

Toco nas pedras, procuro o nó. Não sinto arrependimento, nesta altura o que está feito feito está. É por curiosidade. Desato a corda e as pedras desprendem-se. A queda provoca um sismo junto aos meus pés, que se despegam lentamente do fundo. Fico ali como que flutuando, sem saber o que fazer. E é então, nesse preciso momento, que recordo ter pensado: e se for só isto? Duvidar, suspensa, pelo resto da eternidade: o primeiro medo real que senti naquele dia. Não ser capaz de avançar nem de retroceder, nunca mais, em direção nenhuma.

Encolho o corpo, empurro o chão com os pés e impulsiono-me para cima. O que terá corrido mal? Tento entender. Ao princípio parece fácil, mas o corpo detém-se poucos metros depois, cómodo na sua levitação. Demora um pouco a regressar, a alcançar por fim a calidez mais cristalina da superfície. Voltarei a respirar quando sair da água? Pergunto-me se andará alguém à minha procura e temo um escândalo. Dou umas quantas braçadas, ponho a cabeça de fora e sinto o alívio do ar frio na cara molhada.

Encontro a margem de pedra vazia como sempre, nado até à escada de madeira e subo para o pontão. Sinto um reflexo de vômito, inclino-me sobre o deque na esperança de vomitar a água toda, mas nada acontece. A madeira quente absorve de imediato as gotas que me escorrem pelo queixo abaixo. Quero pôr-me de pé, mas sinto o corpo débil e lasso, espero um pouco e volto a tentar. Do outro lado do jardim, o sol que ilumina as portas de vidro da casa fere-me os olhos. Escorro o cabelo, a *t-shirt*, as calças, e dirijo-me para o outro lado do pontão. Os chinelos ainda estão na relva, tal como os deixei. Calço-os e faço um esforço enorme para atravessar o jardim costa acima.

Lembro-me de como chegar a casa. Contemplo o meu reflexo na porta de vidro das traseiras, a roupa molhada colada ao corpo, a minha mão aproximando-se para fazer deslizar a porta, que chia sobre a calha, o caixilho que passa diante dos meus olhos e que leva consigo o reflexo, e atrás a sala, a mesa com a louça do pequeno-almoço por levantar. Apoio-me no caixilho e, com um último esforço, entro pela porta de vidro.

Lá dentro tudo está calmo. As hortenses que apanhei de manhã continuam intactas nas duas jarras da cozinha. Recolho as cartas que pousei junto a cada ramo, a que escrevi para ele e a que escrevi para as meninas. Não tenho a certeza de estar a tomar uma boa decisão ao agarrar nestas cartas, nem sei bem se apanhá-las desta mesa é apanhá-las da mesa em que as deixei há pouco. Não estou segura de nada, não estava na altura nem estou agora, mas olho para o relógio e é meio-dia e vinte, pelo que subo ao quarto, deixo as cartas na gaveta da mesa de cabeceira, dispo a roupa molhada, visto roupa seca e torno a descer para preparar o almoço.

Chegam a buzinar e as meninas entram em casa num verdadeiro turbilhão. Trazem um coelho numa gaiola.

— Temos de cuidar dele até quinta-feira — diz ele. — Uma semana com cada família.

Eu bato ovos. Bater os ovos exige um esforço descomunal, mas estou a tremer e espero que o movimento dissimule o estado em que me encontro. As meninas abraçam-me pela cintura e tenho de levantar a taça para lhes ver a cara.

— Chama-se *Barril*.

— Sim! *Barril*.

Sinto o ribombar das suas vozes na cabeça. A mais velha cola-me o nariz na barriga e inspira profundamente.

— Mamã, cheiras a podre.

A mais nova copia o gesto.

— É verdade! Cheiras a lama suja.

— Muito bem — anúncio —, vamos almoçar.

Lembro-me do medo que sinto por parar de bater os ovos. Mas acabo e não acontece nada, ninguém me está a observar. A mais velha empurra a gaiola para junto da parede e deixa o coelho solto. O seu pai apressa-se a fechar a porta de vidro. Ao regressar chama-nos com três palmas:

— A partir de agora, tudo bem fechado — ordena.

Deixo na frigideira a quinta omeleta e sirvo as que já estão prontas. Ele sabe que fica encarregado da que continua ao lume, pois é o único que come duas. Então, sentamo-nos à mesa e finalmente, pelo menos por alguns segundos, o silêncio das meninas dando as suas primeiras garfadas ajuda-me a acalmar.

Está tudo em ordem, digo a mim mesma, mantém-te calma.

Fico a observar o coelho, que, como se nada fosse, atravessa a sala de jantar em direção à tigela de água que lhe deixaram no chão. Surpreende-me a naturalidade com que se move fora da sua jaula. Se o *Barril* é um viajante perito em novos territórios, eu sou esta mulher ancorada sempre no mesmo sítio. O *Barril* aproxima-se de mim, fareja-me os pés. Faz-me cócegas com o focinho, e por via das dúvidas agarro-me à borda da mesa.

— Chama-se *Barril* porque é gordo.

— Não é verdade.

— É verdade, sim, foi o que disse a senhora.

As meninas discutem gesticulando com os garfos e depois continuam a comer. Ele levanta-se para ir buscar a última omeleta e a caminho faz uma chamada.

Está tudo em ordem, digo a mim mesma, e o prazer que me dão as cócegas surpreende-me.

— Mamã, estás contente?

Com os talheres no ar, a mais nova espera ansiosamente pela minha resposta. De repente, levanta-se da cadeira de um salto e começa a correr à volta da mesa sem baixar nunca os talheres.

- *Barril! Barril!* A mamã está contente!
- Mas comer alguma coisa é que já seria demasiado, não é?
- diz ele ao voltar com a sua segunda omeleta, registando o meu prato com a comida intacta.

A mais velha observa e escuta. O pior é o que quer que esteja a aprender conosco.

O almoço acaba e a minha família desaparece escadas acima. Gosto desta casa pela sua capacidade porosa de nos absorver a cada um no seu quarto. Na sala de estar, a gaiola continua aberta e vazia, e reconforta-me pensar nas meninas a brincar com o coelho, entretidas durante a minha ausência. É como ouvir a máquina da roupa ou o micro-ondas, relaxo porque, mesmo que não me consiga mexer, tecnicamente alguma coisa está a ser feita.

Volto para a porta de vidro, abro-a e contemplo o jardim. Tudo o que se passa me parece possível, mas como é possível, como pode ser possível que tenha acontecido o que aconteceu e eu me sinta tão bem, e que até o cabelo já esteja a secar? Respiro, vou buscar a mala ao bengaleiro e saio de casa pela porta da frente. O carro dele está outra vez à entrada atravessado na diagonal, parece uma barricada. Já não discutimos sobre isto, aprendi a deslizar as pernas por entre o guarda-lamas e a parede quase sem sujar a roupa. Quando ele está em casa, «sair» mais parece «superar» ou «vencer» uma etapa; se quiser ultrapassá-la, tenho de estar verdadeiramente decidida a fazê-lo.

O vizinho do lado está a chegar na sua camioneta. Este é o dia em que percebo a que é que ele realmente se dedica. Mas por agora parece-me que apenas regressou de uma das suas caçadas, como todas as tardes em que traz o boné com a pala virada para a frente. Tem umas hastes de veado penduradas sobre o alpendre e, apesar de não ser militar, veste-se como tal.

Há três anos apareceu na capa do jornal local a propósito de um julgamento em que era acusado de molestar uma mulher

que costumava trabalhar no café de Toni, e que depois de o artigo sair nunca mais voltámos a ver. E ainda aconteceu aquilo da cerca de arame farpado. Tentámos falar com ele no próprio dia em que a montou, explicámos várias vezes que as meninas iriam brincar ali perto e que se podiam magoar. Ele disse que era mesmo para isso que servia o arame farpado, que só assim os pais conseguiam manter os filhos à distância.

— A cerca é para os pais.

Recordo que, ao longo deste dia, aconteceram muitas coisas nas quais tento não pensar. E o vizinho é uma das primeiras da lista.

Na rua, protegida pelas árvores, o calor torna-se menos sufocante. Na esquina toco à campainha de Daniela e componho-me rapidamente. Aliso o cabelo com os dedos e encontro um pedaço de alga enredado junto à raiz, ainda húmido. Puxo-o até ficar esticado de tal maneira que mais parece uma pastilha elástica e deixo-o cair no chão. Seco as mãos às calças, volto a tocar à campainha. Quando me canso de esperar, desço até à praceta.

O bairro continua a parecer-me tão exageradamente grande e endinheirado como no dia em que chegámos, há já vários anos. Alguns quarteirões mais abaixo fica o café. Lá dentro há duas mesas ocupadas, e Toni está a lavar loiça na cozinha, vejo-o pela janelinha e ele pisca-me o olho. Aproximo-me e pergunto-lhe por Daniela, mas ele não sabe dela, de maneira que decido sentar-me ao balcão. Há uns anos deitámo-nos juntos umas quantas vezes no chão da cozinha, no vestiário e na casa de banho dos empregados. Até que um dia Toni disse «bom, já chega, não?». E disse-o resignado, como se tivesse estado um bom bocado a esfregar uma mancha que não saíra por completo e por fim se desse por vencido.

Uma mulher aproxima-se, pega num pacote de açúcar e, antes de regressar à sua mesa, sorri-me. Toco no cabelo para me

assegurar de que não há mais algas. Encontro uma tirinha pequena, talvez um pedaço perdido da anterior. Alivia-me perceber que ninguém repara em nada de estranho, dá-me vontade de me endireitar e espevitado, de fazer algo mais do que ficar simplesmente ali sentada, à espera.

Saio para a rua e fumo um cigarro, um carro aproxima-se vindo da via principal, passa por mim e afasta-se. Na vereda não há colunas nem postes onde me possa apoiar, para isso serve a casa de cada um; a rua é apenas um grande jardim feito para circular. Sigo em direção à praceta e sento-me no banco. Lembro-me de pensar que vou contar até dez e que, se ainda tiver vontade, vou acender outro cigarro. Conto para não pensar.

É então que vejo o coelho, atravessa a rua nesse preciso momento, um coelho gordo o suficiente para se chamar *Barril*. Foge e enfia-se por entre os arbustos. Depois vejo uma das meninas. Chora, amparando a cabeça com as mãos, a cara vermelha e cheia de ranho, a angústia a consumi-la a ponto de tornar impossível a tarefa de procurar o coelho. Terá a mais velha herdado a minha escassa inteligência emocional? A mais nova segue a mais velha, copia-lhe o gesto mas sem chorar, os olhos atentos revistando cada canto. Levanto-me e aproximo-me delas. Ele vem atrás, o telefone na mão.

— Deixaste a porta de vidro aberta — diz.

— Mamã! O *Barril*!

A mais nova abraça-me. A mais velha chora.

— O que vamos fazer, mamã?

Separamo-nos em dois grupos, ele com a mais nova, eu com a mais velha, cada equipa do seu lado da rua a sacudir arbustos nos jardins dos vizinhos. Uma vez, estava na cozinha e vi um casal de mendigos a fazer algo parecido no meu próprio jardim, não sei o que estariam a procurar. Chamei o segurança, que veio e os levou. Mas uma camisola de mulher amarela ficou quase uma

semana pendurada na roseira. Acabei por apanhá-la e metê-la na máquina, só no programa simples. Sequei-a, dobrei-a, percorri com ela sete quarteirões até à paragem de autocarro e deixei-a no banco. Compreendia que isso não era exatamente o mesmo que devolvê-la, mas ao menos era pô-la nalgum lugar. Não queria em casa coisas que não me pertenciam.

Entramos no jardim seguinte. Uma vizinha assoma-se à janela. Reconheço-a, é a mãe das gémeas que andam na turma da minha filha mais nova. Vai sair para nos ajudar, penso. Vai perguntar «o que aconteceu?». E dirá «eu vi o coelho!». Olha para mim e afasta-se, olho para a porta à espera de a ver sair a qualquer momento. Uma vez, à porta da escola com as minhas filhas em cada mão, disse-me «é a última vez que espero por si, entende? Não é a única por cá a fazer um esforço enorme».

Mas a porta da casa não se abre.

A mais velha alcança-me por entre os arbustos, abraça-me e com o abraço também me empurra. Atravessamos outro jardim. Quando ele se cansa da busca, bate palmas três vezes. A família reúne-se no centro da rua e regressamos para casa. Está zangado, percebo-o pelo seu tom de voz.

– Sei onde podemos arranjar outro coelho – sugere.

Di-lo em frente às meninas, e imediatamente quatro mãozinhas se agarram a mim com toda a força.

– Não. Não, não! O Barril!

Já estamos na nossa entrada quando, nas costas do meu marido, o vizinho caminha na nossa direção.

– Boa tarde – cumprimenta.

Só então ele se vira e o vê. Traz o coelho pendurado, preso pelas orelhas.

– Está morto, mamã? Mamã!

As meninas pulam de angústia à nossa volta. O coelho dá patadas no ar e volta a entregar-se ao movimento de vaivém.

— E se lhe dói? — pergunta a mais nova.

— É assim que se pega nos coelhos — acalma-as o meu marido.

Mas o *Barril* é demasiado gordo, e o homem está perto o suficiente para eu perceber a força que fazem os tendões do seu punho. A boca do animal esticada num sorriso cruel, os dentes para fora, os olhos rasgados e chorosos.

— Jantamos coelho? — diz o homem.

As meninas gritam. O homem ri-se.

— Tomem, tomem, venho em missão de paz.

Oferece o coelho e o meu marido tenta pegar nele, mas não sabe como.

— Largue o telefone para agarrar no coelho — diz o homem.

Ouç-o e sorrio, apesar do desprezo que sinto por ele. E quando finalmente o coelho troca de mãos, e as meninas se soltam e correm para o pai, e ele se agacha para que elas se reencontrem com o *Barril*, o homem vira-se para mim, fica a observar-me por um momento, até que franze o sobrolho.

— O que é que se passa consigo? — Observa-me a boca, os olhos, o cabelo.

— É o coelho das meninas — digo. — Bem, é o coelho da escola, que...

— Estou a falar de si. Você está bem?

Dá um passo na minha direção. Penso nas algas e penteio o cabelo com os dedos. Dou uma olhada à minha família para verificar que se afastam.

— Não se passa nada — respondo. — É que quando o vi com o coelho assustei-me, como sei que gosta de caçar...

— Acha que caço por gosto?

Sorri, mas está tão zangado quanto o meu marido. Faz que não com a cabeça, devagar, sem deixar de olhar para mim.

— É incrível vê-la a andar de um lado para o outro tão tranquila, depois do que fez esta manhã.

É como se me tivesse apertado a garganta com as duas mãos. E como se agora esperasse, sem nunca afrouxar a pressão dos dedos. Viu-me, penso. Lembro-me de pensar que me viu, e não consigo pensar noutra coisa, nem no coelho, nem nas meninas, nem no que vai acontecer a seguir. Dá mais um passo na minha direção e agora está demasiado perto. Estica o dedo e aponta para o meio do meu peito.

— Acha que pode fazer o que lhe dá na gana e depois arrepende-se?

Procuro a minha família, mas já não os vejo.

— Acredita mesmo nisso?

Dou um passo para trás.

— Para onde vai?

Quero responder, mas só me consigo afastar.

— Eh! Espere, escute.

Retrocedo mais um passo, e outro, afasto-me do homem, mas cada vez que olho para trás ele continua ali parado, a observar-me. Caminho rapidamente sem olhar para trás. Atravesso a barricada, entro em casa, fecho a porta. Como estou em minha casa, tenho onde me apoiar. Colunas, paredes, demoro um pouco a recompor-me.

A porta de vidro já está fechada, e as meninas brincam a perseguir o *Barril*. Dentro em pouco a casa reabsorve os seus habitantes nos seus quartos, solta-nos por turnos e volta a apanhar-nos. Depois de jantar, ele enfia-se no escritório a trabalhar e eu deito as meninas. Demoram a acalmar, a mais nova é a última a adormecer. Quando finalmente fecha os olhos, espero um pouco sentada a seu lado, observando-a. Depois concentro-me nos meus pés, porque ainda tenho barro seco e esverdeado entre os dedos. Descalço os chinelos e cheiro-os. Quero tomar um duche, livrar-me deste cheiro, vestir o pijama e deitar-me, mas percebo que não sou capaz de fazer nada disso. Cada vez que penso no

homem, sinto um nó na garganta. Acabo por conseguir reunir forças e levantar-me. Lembro-me da forma como desço lentamente as escadas dizendo a mim mesma: tenho de mover esta perna, depois esta, recordando-me de como devo respirar, e pela primeira vez naquele dia, que nunca esqueço, dou uma instrução a mim mesma.

Volto a sair de casa, salto a barricada do carro em direção à rua. O homem está sentado nas escadas do seu alpendre. Aquele é o único lote vedado do quarteirão, mas quando me aproximo percebo que, desta vez, a cerca está semiaberta. Empurro-a e entro. Imóvel, ele espera que me aproxime. Um par de potentes luzes automáticas acende-se e ilumina o jardim. Aos seus pés tem três grandes baldes, trapos sujos e algumas ferramentas. Poucos segundos depois, as luzes voltam a apagar-se.

— Estava à sua espera. — Tem na mão uma cerveja a meio.

Oferece-me outra, abre-a e passa-ma.

— Desculpe se fui brusco. Perco rapidamente a paciência.

Agarro na cerveja.

— Não se preocupe.

Observa-me até eu beber. Sei que quer que eu diga mais alguma coisa. Em minha casa, a luz apaga-se e tudo se torna mais escuro. O homem termina a sua cerveja.

— Sou todo ouvidos.

Será que quer uma explicação? Que lhe faça uma pergunta? Penso no pontão, na necessidade quase dolorosa de vomitar água apesar de ter a garganta completamente seca.

— Se não tem nada a dizer — e aponta para minha casa com o queixo —, pode ir. Tenho mais com que me ralar.

Espera em silêncio enquanto tento entender por que motivo vim até ali. Recordo que antes de deitar as meninas voltei a abrir a porta de vidro e fiquei agarrada ao caixilho com tanta força que

podia sentir a rigidez dos tendões. O corpo inteiro queria soltar-se e correr outra vez para o lago, e eu tinha a certeza de que, se me soltasse, não seria capaz de o deter.

— É como se... — Estico os dedos e olho para as mãos.

Ele assente, dá umas pancadinhas na escada convidando-me a sentar. Acomodo-me a seu lado.

— Como se ainda me estivesse a afundar.

Arrasta um dos baldes para junto de si, escolhe uma faca de entre as ferramentas, introduz as mãos no balde e começa a trabalhar. Tem algo nas mãos que assoma, difuso, na penumbra.

— Assusta-me que... — Procuro as palavras com cuidado porque quero que me entenda.

— Tem de se habituar — ordena, e cospe para o lado.

Trabalha no balde, tem sangue entre os dedos, nos pulsos. Tira a faca do balde e coça o queixo com o dorso. Está a esfolar um animal pequeno, puxa a pelagem e o fio da faca rasga com suavidade os músculos encarnados das patas.

— Experimente — diz.

Com o pé, e sem nunca deixar de trabalhar, empurra para mim outro balde.

— A sua faca está aí dentro.

Quase espero encontrar a minha faca de cozinha, encontrar algo assim ainda me assustaria mais do que aquilo que supostamente irei fazer.

— O primeiro corte tem de ir de uma ponta à outra.

Inclina-se para mim e com a outra mão tira uma lebre do meu balde, agarra-a pelas patas, de focinho para baixo, bem firme à altura dos meus olhos; é um animal extraordinariamente comprido ao qual cortaram a cabeça.

— É preciso abri-lo como a um livro. Se lhe custa cortá-lo desde o pescoço, faça-o a partir da barriga, e daí para cima e para baixo. A seguir tem de puxar, e a pele solta-se.

Move as mãos sobre o animal assinalando a direção correta, e deste modo vejo melhor o seu pulso: duas cicatrizes longas, paralelas às veias e grossas como minhocas. Deixa a lebre dentro do meu balde e volta ao trabalho.

A faca que me calha é pequena e tem um punho de marfim. Pego nela, é tudo o que posso fazer.

— Como é que fez? — pergunto-lhe sem o fitar, porque talvez não saiba o que estou a perguntar, ou tenha vergonha, ou talvez preferisse não saber. Ele não responde, de maneira que espero. — Para se habituar, quero dizer, para seguir em frente.

— É isso que lhe estou a dizer.

Escuto-o com toda a atenção. Somos dois macacos vestidos, com as mãos mergulhadas nos baldes. Ele aponta para o meu com um movimento de cabeça.

— Empresto-lho para que pratique. Embora tenha o seu próprio coelho.

Pousa a faca.

— Não entendo — respondo. Preciso que seja mais claro, que diga as coisas palavra por palavra.

Abre outra cerveja e bebe.

— Acha que tive alguém que me explicasse como é que tudo isto funciona?

Não respondo. Ele aproxima a sua cerveja do meu peito e bate-me no externo com a base da garrafa. É um golpe suave, mas quase parece parar-me o coração.

— Quer atirar-se à água com uma bigorna de pedras atada à cintura?

Agora sim, está a dizê-las. Todas as palavras.

— Muito bem, se é isso que quer, perfeito. Quer pavonear-se entre os vivos como se não se tivesse passado nada? Perfeito também: bem-vinda à comunidade.

Aquilo que quero é que me esfole, quero enfiar as mãos no balde e quero que a dor me apague por completo.

— Mas tem um preço a pagar.

Puxa para cima um grande pedaço de pelagem, até que o arranca completamente e o devolve ao balde.

— Porquê? Não fiz nada a ninguém.

— A sério? É mesmo isso que pensa?

Levanto-me. Pouso no chão a cerveja, que deixei a meio.

— Tem de pagar — afirma.

Faço que não com a cabeça, e não me dou conta mas começo a afastar-me. Estou furiosa.

— Ei! — exclama.

As luzes do jardim acendem-se. Por alguns segundos, a iluminação é de tal maneira forte que tenho de tapar os olhos com o braço. Os tendões presos, como se ainda aguentassem as minhas mãos agarradas ao caixilho da porta de vidro, recordam-me que ainda poderia soltar-me e desatar a correr para o lago. Baixo o braço, o homem trabalha no seu balde. Volto a aproximar-me.

— Por favor — digo. Mas é como se lhe dissesse agarre-me outra vez pelo pescoço e estrangule-me agora mesmo, como se lhe dissesse peço-lhe, como se lhe dissesse sei que você é capaz.
— Por favor — continuo —, por favor, fale com clareza e diga o que tem a dizer.

O homem junta os três baldes, apanha-os com a mão direita e levanta-se.

— Tenho de suportar todos os seus preconceitos. — Caminha até à garagem e eu sigo-o.

— Quais preconceitos? Está a falar de quê?

— Acha que çaço por prazer, acha que gosto da minha cerca de arame farpado. Acha que toda a gente é um pouco cruel consigo e que você, pelo contrário, tem tão boas intenções.

Entra na garagem e pousa os três baldes sobre uma grande bancada de madeira. Há pelagens de animais penduradas em duas grandes vigas, a secar.

– Por favor – digo. – Algo está mal, sei que algo está muito mal.

Dentro da garagem quase não há luz.

– Não aguento – digo ao homem. – Não posso mais.

– Tem de aguentar.

– Não sei como. Peço-lhe.

Agarra-me na mão pelo pulso e obriga-me a apoiar a palma sobre a mesa. Agora vai-me cortar os dedos, penso, vai-me esfolar.

– A primeira coisa que tem de fazer é acalmar-se. – Agarra-me na outra mão e apoia-a também na mesa.

A madeira está húmida e suja, gasta de tanto uso, mas é forte, percebo que me ajuda a manter-me de pé. E se estiver a ficar louca? É a primeira vez que me coloco esta dúvida, quase como que a pedir um desejo: se estiver louca, a única coisa que tenho de fazer é conseguir regressar a casa.

– A partir de agora tem de aprender a aguentar-se sozinha.

É lógico. Tem tanta razão. Agarra-me pelo braço.

– É uma coisa que tem de fazer todos os dias. Entende?

Tenho de regressar a casa.

– Dia após dia. Se mesmo que só por um dia não o fizer, irá afundar-se, cairá no fundo, e não terá maneira de voltar. Entende?

– Não, compreendo – respondo, confusa.

Aproxima-se ainda mais, a sua cara demasiado perto da minha.

– Dor. É isso que tem de provocar.

– Sim.

– Um pouco de dor todos os dias, percebe? Dor verdadeira. A alguém de quem goste realmente. Gosta das suas meninas?

Assinto, mas continuo sem saber a que é que estou a responder.

– Isso irá enchê-la de culpa, e se a culpa for suficientemente forte, precisará de ficar para tomar conta delas. – Aperta-me o

braço, fita-me nos olhos. — Quer permanecer deste lado do mundo? Quer poupá-las da dor de perder a mãe?

Sinto os pés a pousar lentamente sobre o fundo lodoso do lago, os pulmões a encherem-se novamente de água. Só tento respirar. Ele está atento aos meus gestos, avalia-me. Pergunto a mim mesma se me poderei mover, se me deixará ir. Solto a mesa e ainda estou de pé. Dou um passo para trás e a sua mão abre-se, liberta-me o braço. Enfio as mãos nos bolsos, onde ele não as possa ver. «A culpa irá ajudar-me», disse ele. Mas como? Quero entender exatamente como.

Saio para o jardim e afasto-me, tropeço duas vezes. Já não é o homem que me assusta, é a imagem das minhas mãos agarradas ao caixilho da porta de vidro, o corpo que já não aguenta, assusta-me não saber se conseguirei continuar a aguentar-me. Os focos tornam a acender. Corro para minha casa, atravesso a barricada. Entro com uma das mãos no coração porque a única coisa de que preciso agora é de senti-lo, mas não sinto nada. Onde estão os batimentos? Mais acima? Mais abaixo? Na sala olho em redor à procura da gaiola do coelho, mas não a vejo em lado nenhum. Subo as escadas, mordendo os lábios até os fazer sangrar. Entro no corredor e já estou no quarto das meninas. Cada uma dorme na sua cama, a gaiola mesmo a meio, vazia. Um movimento faz-me descobrir o *Barril* enroscado nos braços da mais velha. Aproximo as mãos devagar. Quando o coelho se move, aperto-lhe o pescoço contra o colchão. Se aliviar a pressão, o pelo começa a fugir-me das mãos. Agarro-o pelas orelhas com um movimento seco, como fazia o homem, e o coelho fica a espernear. A mais velha volta-se para o outro lado, mas não acorda.

Na cozinha, acendo as luzes, agarro numa faca, empurro a torneira para o lado e coloco o coelho lá dentro, apertando-o contra o lava-louça. Afundo a outra mão no seu pelo, cravando-lhe os dedos em redor do pescoço. O coelho espera, fitando-me com o

seu olho encarnado, imóvel. Penso no que fazer agora, em como o fazer. Penso que vou sujar a cozinha e que terei de limpar tudo com todo o cuidado para que as meninas não vejam o desastre logo pela manhã. E se em vez de o matar o soltasse na rua? Perdê-lo seria uma dor suficiente? E se em vez de o esfolar lhe apertasse o pescoço até o esganar, e depois devolvesse o coelho morto aos braços da mais velha? Se acordasse abraçada a uma criatura morta, será que isso lhe causaria uma dor suficiente? É então que entendo o que faz ao certo a culpa, entra como o ar pela porta de vidro e infiltra-se nos pulmões. Respiro. O coelho nem sequer move os bigodes. Espera uns segundos, talvez uns minutos, suportando a pressão das minhas mãos sobre o seu corpo, olhando para mim tão quieto que acabamos os dois por nos acalmar. Solto-o e ele espera, imóvel, com o seu olho vermelho a fitar-me sem pestanejar. Volto a tocar no peito com a palma da mão e sinto o coração a bater. É uma palpitação linda.

Afasto a faca, deixo o coelho no lava-louça e ele salta de imediato para o chão, afastando-se. Também eu abandono a cozinha, nenhum dos dois suportaria permanecer ali. Quando passo pela porta de vidro aberta, contemplo o caixilho e já não há razão para me agarrar a ele. Fecho-a.

Na casa de banho, passo algum tempo a olhar para o espelho e a estudar a minha cara. Sento-me na borda da banheira e depois tomo um duche. No quarto, ele dorme no seu lado da cama e eu deito-me com cuidado, atenta para não puxar os lençóis nem agitar o colchão. Lembro-me da rapidez com que chega o cansaço, da forma como estico as pernas, relaxo os braços junto ao corpo e fecho os olhos. Apenas um momento antes de adormecer, movo as mãos e já não sinto os lençóis. Passam-se uns meros segundos até acabar de cair: a sensação escura e lodosa nas pontas dos dedos, no preciso momento em que tocam no fundo do lago e se movem pela última vez.

«É então que entendo o que faz ao certo a culpa, entra como o ar pela porta de vidro e infiltra-se nos pulmões. Respiro. O coelho nem sequer move os bigodes. Espera uns segundos, talvez uns minutos, suportando a pressão das minhas mãos sobre o seu corpo, olhando para mim tão quieto que acabamos os dois por nos acalmar. Solto-o e ele espera, imóvel com o seu olho vermelho a fitar-me sem pestanejar. Volto a tocar no peito com a palma da mão e sinto o coração a bater. É uma palpitação linda.»

Os territórios ambíguos da realidade humana, nas suas manifestações mais belas mas também mais perturbadoras, como a culpa que nasce da dor e traz um sopro de vida e a justifica, são o húmus do novo livro de contos da consagrada escritora argentina Samanta Schweblin. Situadas no limbo entre o real e o onírico, o reconhecível e o estranho, estas seis narrativas abrem-se, sem certezas nem seguranças, ao encanto do extraordinário, aos assombros do quotidiano, criando tensão e avidez em quem as lê.


«Na experiência de ler a grande Schweblin,
há um antes e um depois, e a recordação de
alguma coisa que nunca mais nos vai abandonar.»


Enrique Vila-Matas



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

 [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-553-9



9 789895 835539